

O uso narrativo do “infinito” em El libro de arena de Jorge Luis Borges

Renato Bradbury de Oliveira²⁶
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo

Este trabalho versa sobre as relações entre linguagem e pensamento a partir de alguns escritos de Jorge Luis Borges, principalmente o conto *El libro de arena*. O debate será conduzido a partir da problemática filosófica do conceito de “infinito” tal como Borges o formula no ensaio *Avatares de la tortuga*, bem como as figurações do infinito no espaço ficcional de alguns de seus contos. Dessa maneira, podemos questionar: como se daria essa relação entre o literário e o discurso filosófico em Borges? A literatura pode responder ao julgamento filosófico e explorar os limites da argumentação metafísica? A partir da ideia do ato literário como “experiência não tética da tese”, da metáfora do jogo de espelhos na linguagem (e do “espaço virtual” que ela inaugura) e da problemática lógico-conceitual do princípio de identidade e de não contradição, desenvolvo uma leitura do infinito no conto *El libro de arena*, de Jorge Luis Borges. A hipótese de leitura é a de que a partir do uso ficcional do infinito, o contista faz a linguagem dobrar-se sobre si mesma, criando um espaço aberto e ilimitado. Por fim, este trabalho intenta refletir sobre a potencialidade do ato literário enquanto discurso que pode responder, ainda que obliquamente, aos ditames lógico-gramaticais do pensamento metafísico.

Palavras-chave

Linguagem e pensamento. Infinito. Jorge Luis Borges.

²⁶ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (2014). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). Atualmente é bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Introdução

Muitos escritos de Jorge Luis Borges são inquietantes graças à presença de elementos que colocam em questão a estabilidade do vínculo entre a gramática e a lógica a partir do pensamento metafísico. Há um desses elementos que é tematizado pelo autor argentino tanto em ficções quanto em ensaios: o “infinito”.

Em Borges o infinito irrompe no espaço ficcional de modo a entrar em contradição com o referente extralinguístico, neste caso o conhecimento científico e filosófico que associa o infinito ao todo, seja esse o Universo ou Deus. Partindo da premissa de que a linguagem pode refugiar verdadeiros “monstros” para o pensamento, Borges parece interessado em expor o que ele chama de “interstícios de sem-razão” (BORGES, 1974, p. 258, tradução nossa),²⁷ que seriam como “pontos-cegos” do mundo conceitual construído a partir do pensamento lógico-racional.

A recorrência do infinito no debate filosófico ocidental demonstra isso: desde os pré-socráticos tenta-se resolver o problema das causas primeiras sem cair no labirinto das contradições.²⁸ Segundo Aristóteles em *Metafísica* (Livro I, 981b30),²⁹ a sabedoria (*sofia*) diz respeito às causas primeiras e aos princípios; de modo que conhecer as causas primeiras permitiria conhecer cada coisa particular. Assim, dada a necessidade de coerência lógico-gramatical do discurso filosófico, é preciso que as doutrinas não encerrem em si mesmas contradições:³⁰ no desejo de se demonstrar as consequências perigosas para o pensamento racional das diferentes cosmogonias filosóficas, criam-se os paradoxos e as aporias – pensamentos sem saída.

É neste sentido que Borges, em *Avatares de la tortuga* (1932), explora o conceito de infinito no discurso filosófico, expondo – dentro das possibilidades do ensaio – sua problemática recorrência ao longo da história do pensamento metafísico. Assim, a partir da leitura de alguns textos de Borges comenta-se acerca do uso narrativo do infinito, bem como outros recursos da textualidade borgiana que serão mobilizados a partir de uma problemática lógico-gramatical. Dessa maneira, podemos questionar: como se daria essa relação entre o literário e o discurso filosófico em Borges? A

²⁷ No original: “*interstícios de sinrazón*”.

²⁸ Podemos citar os pensadores de Mileto (Tales, Anaximandro e Anaxímenes), os pitagóricos (defensores das ideias de Pitágoras de Samos), os representantes do eleatismo (Parmênides, Zenão e Melisso) e, por fim, Heráclito de Efeso.

²⁹ Aristóteles, como se sabe, expôs algumas opiniões de seus antecessores com o intuito de criticá-las, perfazendo uma doxografia a partir da temática do conhecimento e suas ciências: as ciências especulativas (*theoretikái*), como a física, a metafísica e as matemáticas, seriam as mais importantes.

³⁰ Ou seja, respeitando o princípio da não contradição (que remontaria a Parmênides de Eleia).

literatura pode responder ao julgamento filosófico e explorar os limites da argumentação metafísica?

Para responder a essas perguntas, este artigo será dividido em alguns tópicos: A escritura e a experiência literária; O infinito ficcional na obra de Jorge Luis Borges; Leitura de *El libro de arena*; A problemática filosófica; A nomeação e o pensamento lógico; Abertura: o espaço infinito na linguagem; e, por fim, Considerações finais. O caminho metodológico utilizado é: o levantamento de um *corpus* de leitura,³¹ a análise do infinito ficcional de Borges nos textos selecionados e, por fim, a proposição de uma chave de leitura para o conto *El libro de arena*.

A partir da ideia do ato literário como “experiência não tética da tese” (DERRIDA, 2014c), da metáfora do jogo de espelhos na linguagem (FOUCAULT, 2009) e da problemática lógico-conceitual do princípio de identidade e de não contradição (NIETZSCHE, 1996, 2001; PARMÊNIDES, 1998; ARISTÓTELES, 2012), desenvolvo uma leitura do infinito no conto *El libro de arena*, de Jorge Luis Borges. A hipótese de leitura é a de que a partir do uso ficcional do infinito, o contista faz a linguagem dobrar-se sobre si mesma, criando um espaço aberto e ilimitado. Sobre o infinito ficcional em Borges, mobilizo o estudo de Ana María Barrenechea (1956) e a crítica de Maurice Blanchot (2005).

A escritura e a experiência literária

Neste tópico trago algumas contribuições derridianas para se pensar a experiência literária em relação ao discurso filosófico, destaca-se o ato literário como “experiência não tética da tese” (DERRIDA, 2014c, p. 67).

Segundo Evando Nascimento (In DERRIDA, 2014c, p. 9), estudioso e tradutor da obra de Jacques Derrida, em *Essa estranha instituição chamada literatura*: “encontram-se algumas das ferramentas mais potentes disponibilizadas por Derrida para pensar as intrincadas e muitas vezes conflituosas, perquiridoras, prazerosas, jamais de todo neutras relações entre discurso literário e discurso filosófico”. Antes de comentar sobre o tema, faz-se necessário discorrer brevemente sobre a noção de “escritura” em Derrida.

“Não há escritura sem mentira”, disse Reb Jacó, citado por Edmond Jabès que, por sua vez, é citado por Derrida em *Edmond Jabès e a questão do livro*, ensaio contido em *A escritura e a diferença* (2014). O livro e a escritura são colocados em

³¹ O ensaio *Avatares de la Tortuga* (1932) e os contos: *Tlön, Orbis Tertius, Uqbar* (1940), *La Biblioteca de Babel* (1940) e *El Libro de Arena* (1974).

questão a partir da consciência judaica, de modo que se vislumbra uma abertura, um caminho:

Caminho desviado, escuso, equívoco, emprestado, por Deus e a Deus. Ironia de Deus, astúcia de Deus, caminho oblíquo, saída de Deus, caminho em direção a Deus e do qual o homem não é o simples desvio. Desvio infinito. Caminho de Deus (DERRIDA, 2014b, p. 96).

Esse caminho desviado, aberto ao infinito, é o “caminho no Deserto”: o deslocamento da escritura entre a palavra perdida e a palavra prometida. Eis o momento da Separação que é uma ruptura com Deus: quando Deus se calou, sobraram as palavras. A escritura nasce dessa falta, da cólera de Deus. A escritura é desértica: “Nada floresce na areia ou entre os paralelepípedos, a não ser as palavras” (DERRIDA, 2014b, p. 97).

A escritura, além de estar marcada pela ausência de Deus, também está marcada pela ausência do escritor:

Escrever é retirar-se. Não para a sua tenda para escrever, mas da sua própria escritura. Cair longe da sua linguagem, emancipá-la ou desampará-la, deixá-la caminhar sozinha e desmunida. Abandonar a palavra. [...] Deixá-la falar sozinha, o que ela só pode fazer escrevendo (DERRIDA, 2014b, p. 98).

Essa ausência, argumenta Derrida (2014b), deve-se à submissão da escritura à racionalidade do Logos, especificamente ao princípio da descontinuidade. Assim, escrever é ter a consciência de:

[...] ter perdido a certeza teológica de ver toda página se unir por si própria no texto único da verdade, “livro de razão” como outrora se dizia do diário no qual se anotavam por Memória as contas (rationes) e as experiências, depósito de genealogia, Livro de Razão desta vez, manuscrito infinito lido por um Deus que, de maneira mais ou menos protelada, nos tivesse emprestado a sua pena. Esta certeza perdida, esta ausência da escritura divina, isto é, em primeiro lugar do Deus judeu que uma vez ou outra escreve ele próprio, não define apenas e vagamente alguma coisa como a “modernidade”. Enquanto ausência e obsessão do signo divino, comanda toda a estética e a crítica modernas (DERRIDA, 2014a, p. 12-13).

Decretada a morte do “Autor-Deus”, o original perde seu valor tradicional (exterior à linguagem) e é deslocado para dentro da linguagem. A mão do “escriptor” moderno é dissociada de qualquer voz (Eu), e é “levada por um puro gesto de inscrição (e não de expressão), traça um campo sem origem – ou que, pelo menos, outra origem não tem senão a própria linguagem, isto é, aquilo mesmo que continuamente questiona toda origem” (BARTHES, 2004, p. 61-62).

É neste sentido que o ato literário proporcionaria uma “experiência não tética da tese”:

Antes de ter um conteúdo filosófico e de ser ou de defender essa ou aquela “tese”, a experiência literária, como escritura ou como leitura, é uma experiência “filosófica” neutralizada ou neutralizante, na medida em que permite pensar a tese; é uma experiência não tética da tese, da crença, da posição, da ingenuidade, do que Husserl chamou de “atitude natural” (DERRIDA, 2014c, p. 67).³²

A contraposição da experiência literária em relação ao pressuposto husserliano figura, em Derrida, como caminho desviado e espaço desértico, aberto e infinito; além disso, ela é marcada por uma potencialidade de um discurso que pode responder, ainda que obliquamente, aos ditames lógico-gramaticais do pensamento metafísico. E essa resposta, indireta e fingida, até mesmo paradoxal, “se faz por meio de um pensar insólito com relação ao próprio conceito ocidental de saber enquanto determinado pelo valor de verdade” (NASCIMENTO, 2015, p. 301).

O uso do “infinito” em alguns textos do escritor Jorge Luis Borges, argumento, pode trazer aquela potência da resposta indireta e fingida ao vínculo entre a linguagem e o pensamento metafísico. Nesse sentido, comento a seguir sobre seu uso ficcional, em Borges, e como sua irrupção coloca em xeque certos princípios lógico-gramaticais do pensamento metafísico.

O infinito ficcional na obra de Jorge Luis Borges

Conforme a pesquisadora Ana María Barrenechea (1956, p. 14), a “função desrealizadora” do infinito é um dos temas centrais da obra de Borges. Cito-a:

Borges sabe que toda realidade dissolve-se na presença do infinito e, assim, convoca-o quase constantemente em suas obras, às vezes aludindo-o com uma palavra, outras vezes desenvolvendo-o em complexo argumento. Através desta variedade de aparições podem ser distinguidas certas formas essenciais de imaginá-lo: os vastos âmbitos espaciais e temporais, as intermináveis multiplicações, o caminho sem fim (linear e cíclico) e a imobilização em um gesto. (BARRENECHEA, 1956, p. 15, trad. nossa).³³

³² Conforme Felipe Bragagnolo (2014, p. 76), essa “atitude natural” é, nas reflexões husserianas, “nossa atitude original diante do mundo e das coisas [e] está alicerçada numa crença originária, onde assumimos o caráter de irreflexão, de ausência de questionamentos diante daquilo que nos circunda e do próprio eu”.

³³ No original: “Borges sabe que toda realidad se disuelve con la presencia del infinito y lo convoca casi constantemente en sus obras, a veces aludiéndolo con una palabra, otras desarrollándolo en complejo argumento. A través de esa variedad de apariciones pueden distinguirse ciertas formas esenciales de imaginá-lo: los vastos ámbitos espaciales y temporales, las multiplicaciones interminables, el Camino sin fin (lineal y ciclico), la inmovilización en un gesto”.

Sobre essa “função desrealizadora”, vale lembrar o início do ensaio *Avatares de la tortuga*: “Há um conceito que é o corruptor e o perturbador dos outros. Não falo do Mal, cujo império limitado é a ética; falo do infinito” (BORGES, 1974, p. 254, tradução nossa).³⁴

Essa potência corruptora e perturbadora do conceito de infinito, na perspectiva borgiana, pode ser vislumbrada a partir dos avatares do segundo paradoxo de Zenão: a corrida entre Aquiles e a tartaruga. Grosso modo, nesse paradoxo o princípio do movimento de Heráclito de Éfeso é questionado a partir da velocidade de deslocamento de Aquiles e da tartaruga: Aquiles, o mais rápido, nunca alcançaria a tartaruga numa corrida se o animal largasse à sua frente, já que sempre haveria uma distância, por ínfima que seja, entre eles. O argumento de Zenão, conforme Borges (1974, p. 255), fundamenta-se na impossibilidade do movimento, já que o corpo móvel deve atravessar o meio para chegar ao fim, percorrendo antes o meio do meio e, antes disso, o meio do meio do meio e assim sucessivamente.

Trata-se do *regressus in infinitum*. Segundo o autor (BORGES, 1974, p. 256), até Santo Tomás de Aquino o *regressus in infinitum* era utilizado enquanto argumento para negar a causalidade primeira; com Santo Tomás, ocorre o inverso, recorre-se ao infinito para afirmar a existência de Deus enquanto causa primeira de todas as coisas.

Ao final do ensaio, após expor algumas ideias filosóficas que tentam estabilizar o conceito de infinito, Borges pondera que: “É arriscado pensar que uma coordenação de palavras (outra coisa não são as filosofias) pode ser muito semelhante ao universo” (BORGES, 1974, p. 258, tradução nossa).³⁵ E, então, conclui:

“O maior feiticeiro (escreve memoravelmente Novalis) seria aquele que se enfeitiçou ao ponto de tomar as suas próprias fantasmagorias por aparições autônomas. Não seria esse o nosso caso?” Eu conjecturo que assim é. Nós (a divindade indivisa que opera em nós) sonhamos o mundo. Sonhamo-lo resistente, misterioso, visível, omnipresente no espaço e firme no tempo; mas consentimos na sua arquitetura tênues e eternos interstícios de sem-razão para saber que é falso (BORGES, 1974, p. 258, tradução nossa).³⁶

³⁴ No original: “Hay un concepto que es el corruptor y el desatinador de los otros. No hablo del Mal cuyo limitado imperio es la ética; hablo del infinito”.

³⁵ No original: “Es aventurado pensar que una coordinación de palabras (otra cosa no son las filosofías) pueda parecerse mucho al universo”.

³⁶ No original: “El mayor hechicero (escribe memorablemente Novalis) sería el que se hechizara hasta el punto de tomar sus propias fantasmagorias por apariciones autónomas. ¿No sería ése nuestro caso?’. Yo conjeturo que así es. Nosotros (la indivisa divinidad que opera en nosotros) hemos soñado el mundo. Lo hemos soñado resistente, misterioso, visible, ubicuo en el espacio y firme en el tiempo; pero hemos consentido en su arquitectura tenues y eternos intersticios de sinrazón para saber que es falso”.

Nessa perspectiva, Borges é um criador de fantasmagorias — mundos e objetos ficcionais que desrealizam a realidade ao irromperem — fundadas nos “interstícios de sem-razão”:³⁷ é assim que o escritor argentino vai explorar os limites do pensamento metafísico.³⁸ Este artigo investiga uma dessas fantasmagorias: o livro cujo número de páginas é infinito, presente no conto *El libro de arena*.

Leitura de *El libro de arena*

O conto em questão integra o livro de contos homônimo que foi publicado em 1974. Nessa narrativa, como em outros contos de Borges, é possível detectar a recorrência do tema das relações problemáticas entre linguagem e pensamento. Um exemplo disso está no conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* (1940), onde uma linguagem ficcional de um lugar inexistente (Tlön) parece ameaçar as linguagens do mundo do narrador.

El libro de arena nos traz um diálogo entre um vendedor de bíblias e o narrador-protagonista: o primeiro aborda o último, um bibliófilo, e tenta lhe vender bíblias. Mas o bibliófilo já teria muitos exemplares, inclusive um raro; então o vendedor lhe oferece um livro único, especial. Só que tal objeto não se comportava como um “livro”:

Ele pediu-me para procurar a primeira folha. Apoiei a minha mão esquerda na capa e abri-a com o meu polegar quase colado ao índice. Tudo foi inútil: havia sempre várias folhas entre a capa e a mão. Era como se tivessem surgido do livro.

— Agora procure a final.

Eu também falhei; apenas consegui balbuciar com uma voz que não era a minha:

— Isto não pode ser.

Sempre em voz baixa, disse-me o vendedor de bíblias:

— Não pode ser, mas é. O número de páginas deste livro é exatamente infinito [...] (BORGES, 1989, p. 69, grifo do autor, tradução nossa).³⁹

³⁷ A obra de Borges está repleta dessas fantasmagorias, talvez um dos exemplos mais contundentes seja o poder de desrealização do mundo ficcional (que funciona como o nosso) a partir da irrupção de objetos do mundo imaginário de Tlön, do conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* (1940).

³⁸ Não à toa, muitos contos borgianos são lidos a partir do fantástico literário, pois partilham daquilo que David Roas (2011) entende ser a vocação do gênero: colocar em questão os códigos culturais ou a arquitetura que fundamenta o real a partir de uma ameaça inexplicável. Roas (2011, p. 13-14) chega a citar um trecho do conto *El libro de arena* para ilustrar o efeito do fantástico.

³⁹ No original: “Me pidió que buscara la primera hoja. Apoyé la mano izquierda sobre la portada y abrí con el dedo pulgar casi pegado al índice. Todo fue inútil: siempre se interponían varias hojas entre la portada y la mano. Era como si brotaran del libro.

— Ahora busque el final.

También fracasé; apenas logré balbucear con una voz que no era la mía:

— Esto no puede ser.

Siempre en voz baja el vendedor de bíblias me dijo:

Desse modo, estamos diante de algo *sui generis* que encena o paradoxo de sua própria “identidade”⁴⁰ a partir da ideia de infinito: aquilo que não tem começo nem fim. Assim, o personagem-vendedor de bíblias se refere a tal objeto misterioso enquanto um livro sagrado, e conta ao protagonista-narrador que seu antigo possuidor o chamava de “o **Livro de Areia**, porque nem o livro nem a areia têm um começo ou um fim” (BORGES, 1989, p. 69, grifo do autor, tradução nossa).⁴¹

Esse objeto misterioso irrompe no mundo, porém escapa à determinação de sentido; ou seja, contrapõe-se ao pensamento lógico via paradoxo: é único, mas não tem sentido próprio, é um acontecimento, mas é inacessível. “O Livro dos livros” (BORGES, 1989, p. 69, tradução nossa)⁴² subverte a relação leitor-livro quando é aberto, pois não se deixa folhear desde a primeira página, de modo que o texto está suspenso num constante “vir-a-ser”: não tem começo nem fim e nunca pode ser relido (pois o abrir-fechar mistura suas páginas que são infinitas).

Dessa forma, toda vez que se abre o livro qualquer relação de continuidade entre o leitor e o conteúdo do livro é suprimida e, por outro lado, ao fechá-lo o livro se reconfigura incontrolavelmente no “espaço virtual” da própria linguagem (criando uma continuidade virtual).⁴³ A simultaneidade é uma característica do paradoxo, já que “o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 1974, p. 1). Assim, o conto *El libro de arena*, a partir do paradoxo, coloca em questão a crença na ideia de “identidade” – que o pensamento metafísico vem operando, a partir da correlação entre “ser” e “unidade”, desde os pré-socráticos.⁴⁴

Maurice Blanchot, em sua leitura do infinito borgiano, chega à conclusão de que a experiência da literatura está próxima dos paradoxos e dos sofismas; e, assim, que: “A verdade da literatura estaria no **erro** do infinito” (BLANCHOT, 2005, p. 136, meu grifo). É preciso destacar que o termo “erro” marca tanto a ideia de incorrer em

— *No puede ser, pero es. El número de páginas de este libro es exactamente infinito [...]*.

⁴⁰ Ao longo deste artigo trabalho com a ideia de “identidade” como princípio lógico ou ontológico fundamental para o pensamento metafísico, já que expressa a necessária coincidência que funda o ser (o ser é idêntico a si mesmo). Esse princípio deriva do princípio da não contradição (cf. verbete “Identidade, princípio de” em ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 529-531).

⁴¹ No original: “*el Libro de Arena, porque ni el libro ni la arena tienen ni principio ni fin*”.

⁴² No original: “*El Libro de los Libros*”.

⁴³ Emprego “virtual” e “espaço virtual” no sentido metafórico proposto por Michel Foucault no ensaio “A linguagem ao infinito” (2009): o espaço infinito inaugurado pela linguagem ao refletir-se tal como num jogo de espelhos (cf. mais adiante). Vale lembrar que, na física, “virtual” é aquilo que se forma num espelho ou lente (cf. Verbetes “virtual” em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/virtual>>. Acesso em: 04 de Fev. 2022).

⁴⁴ Cf. ARISTÓTELES (2012: 106 [Livro IV - 1003b25]).

engano quanto a ideia da errância. Nesse sentido, a literatura poderia desdobrar qualquer espaço finito em espaço sem saída (infinito) a partir da errância do devir:

A errância, o fato de estarmos a caminho sem poder jamais nos deter, transforma o finito em infinito. A isso se acrescentam estes traços singulares: do finito, que é no entanto fechado, podemos sempre esperar sair, enquanto a vastidão infinita é a prisão, porque é sem saída; da mesma forma, todo lugar absolutamente sem saída se torna infinito. O lugar do extravio ignora a linha reta; nele, não se vai de um ponto a outro; não se sai daqui para chegar ali; nenhum ponto de partida e nenhum começo para a marcha. Antes de ter começado, tudo já recomeça; antes de ter realizado, repetimos, e essa espécie de absurdo que consiste em voltar sempre sem nunca ter partido, ou em começar para recomeçar, é o segredo da “má” eternidade, correspondente à “má” infinidade, que encerram, talvez, o sentido do devir (BLANCHOT, 2005, p. 137).

Assim, o livro misterioso do conto borgiano é o lugar daquele extravio de que fala Blanchot: o lugar que abriga o paradoxal e o sentido do devir. O movimento de extravio começa com a insuficiência da nomeação e do conceito e, então, avança para dentro da linguagem e lá se desdobra num “labirinto da luz” (BLANCHOT, 2005, p. 138), espaço virtual onde há o poder infinito de espelhamento.

Ainda, o livro infinito parece encenar um daqueles “interstícios de sem-razão” de que fala Borges: enquanto linguagem subverte o princípio da não contradição dos termos de um modo verossímil, ainda que paradoxal. Como resultado, a estabilidade do pensamento lógico é colocada em questão: como quando o narrador de *El libro de arena* inicia seu relato citando premissas da progressão geométrica para, então, “arrepender-se” e tentar começar de novo seu relato:

A linha é constituída por um número infinito de pontos; o plano, um número infinito de linhas; o volume, um número infinito de planos; o hipervolume, um número infinito de volumes... Não, definitivamente não é este, more geométrico, o melhor modo de começar o meu relato. Afirmar que é verídico é agora uma convenção de todo relato fantástico; o meu, porém, é verídico (BORGES, 1989, p. 68, tradução nossa).⁴⁵

A presença de um livro infinito perturbaria este lugar que se sagrou, a partir da filosofia ocidental, como o lugar onde o pensamento racional encontrou uma linguagem adequada, pois oferecia uma estabilidade em meio à multiplicidade de opiniões e crenças (a *doxa* de Platão). Trata-se da crença na “verdade”, e a base de sua estabilidade parece derivar da crença na oposição entre “ser” e “não-ser”:

⁴⁵ No original: “La línea consta de un número infinito de puntos; el plano, de un número infinito de líneas; el volumen, de un número infinito de planos; el hipervolumen, de un número infinito de volúmenes... No, decididamente no es éste, more geométrico, el mejor modo de iniciar mi relato. Afirmar que es verídico es ahora una convención de todo relato fantástico; el mío, sin embargo, es verídico”.

4. Há alguns, todavia, como indicamos, que afirmam que é possível a mesma coisa ser e não ser, dizendo adicionalmente que é possível sustentar esta opinião. Mas já postulamos a impossibilidade de simultaneamente ser e não ser, e por este meio demonstramos ser esse o mais certo de todos os princípios [Livro IV -1006a1] (ARISTÓTELES, 2012, p. 112).

A problemática filosófica

O conceito de ser remonta aos pré-socráticos conhecidos como os “eleatas”, dentre os quais se destaca a figura de Parmênides de Eleia. Ele teria deixado um poema (no qual sobraram apenas fragmentos) apresentando suas ideias que vêm sendo debatidas, no campo filosófico, desde então. No fragmento 2 de *Da Natureza*, a deusa Justiça é quem fala ao homem sobre os únicos caminhos de investigação concebíveis:

O primeiro (diz) que (o ser) é e que o não-ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e que o não-ser é necessário; esta via, digo-te, é imperscrutável; pois não podes conhecer aquilo que não é – isto é impossível –, nem expressá-lo em palavra (PARMÊNIDES citado em BORNHEIM, 1998, p. 55).

O que Parmênides fez, foi:

[...] extrair do fundo das primeiras cosmogonias filosóficas seu arcabouço lógico, centralizado na noção de unidade. Ao mesmo tempo, tratando essa noção com estrito rigor racional, mostra que ela parece incompatível com a multiplicidade e o movimento percebidos. “O que é”, sendo “o que é”, terá de ser único: além do “o que é” apenas poderia existir, diferente dele, “o que não é” – o que seria absurdo, pois significaria atribuir existência ao não-ser, impensável e indivisível. Pelo mesmo motivo – simples desdobramento do princípio de identidade –, o ser tem de ser eterno, imóvel, finito, imutável, pleno, contínuo, homogêneo e indivisível (DE SOUZA, 1996, p. 21).

Então, a dualidade finito/infinito remonta à própria definição do ser em oposição ao não-ser. Nesse sentido, Nietzsche defende que foi Parmênides quem instaurou o “domínio lógico-gramatical como lugar por excelência do pensamento [e] é na linguagem que ele encontra sua segurança, a estabilidade capaz de demonstrar sua crença no ser” (MOSÉS, 2005, p. 147). Entretanto, na dedução lógica inaugurada pelo grego Parmênides, Nietzsche vai identificar contradições:

O que é verdadeiro precisa estar no presente eterno, dele não pode ser dito “ele era”, “ele será”. O ser não pode vir-a-ser: pois de que ele teria vindo? Do não-ser? Mas o não-ser não é e não pode produzir a si mesmo. O mesmo acontece com o perecer; ele é igualmente impossível, como o vir-a-ser, como toda mutação, como todo aumento, como toda diminuição. É válida em geral a proposição: tudo do que pode ser dito “foi” ou “será”, não é; do ser, entretanto, nunca pode ser dito “não é”. O ser é indivisível, pois onde está a segunda potência que devia dividi-lo? Ele é imóvel, pois para onde ele devia movimentar-se? Ele não pode ser nem infinitamente grande nem

infinitamente pequeno, pois ele é acabado e infinito dado por acabado é uma contradição. Assim limitado, acabado, imóvel, em equilíbrio, em todos os pontos igualmente perfeito como uma esfera, ele paira, mas não em um espaço, pois caso contrário este espaço seria um segundo ser. Mas não podem existir vários seres, pois para separá-los precisaria haver algo que não fosse um ser: o que é uma suposição que se suprime a si mesma. Assim, existe apenas a Unidade eterna (NIETZSCHE, 1996, p. 132).

Ora, para Nietzsche a razão é este sistema moral de interpretação do mundo que nos aparece, a partir da tradição filosófica ocidental, como natural ao ser humano; assim, “a razão é a órbita capaz de fazer o pensamento girar em torno da mesma ideia: a identidade, a causalidade, a não contradição do ser” (MOSÉS, 2005, p. 142).

A nomeação e o pensamento lógico

Nomear algo é impor-lhe um sentido, apagar suas diferenças particulares através da metaforização para fixar-lhe uma identidade universal:

Transpor uma excitação nervosa numa imagem! Primeira metáfora. A imagem por sua vez é transformada num som! Segunda metáfora. A cada vez, um salto completo de uma esfera para outra completamente diferente e nova. [...] Acreditamos possuir algum saber sobre as coisas propriamente, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, mas não temos, entretanto aí mais do que metáforas das coisas, as quais não correspondem absolutamente às entidades originais. [...] O conceito faz nascer a ideia de que haveria na natureza, independentemente das folhas particulares, algo como a folha, algo como uma forma primordial, segundo a qual todas as folhas teriam sido tecidas, desenhadas, cortadas, coloridas, pregueadas, pintadas, mas por mãos tão inábeis que nenhum exemplar teria saído tão adequado ou fiel, de modo a ser uma cópia em conformidade com o original (NIETZSCHE, 2001, p. 11-12).

É assim que todo conceito surge: a partir da “postulação da identidade do não-idêntico” (NIETZSCHE, 2001, p. 12). Dessa forma, quando os personagens do conto *El libro de arena* tentam nomear aquele objeto incomum algumas vezes, o fazem aproximando-o deste objeto tão familiar aos estudiosos e pesquisadores, o livro. Seguem-se as tentativas de nomear aquele objeto (na ordem em que aparecem na narrativa): “livro sagrado”; “o Livro dos livros”; “O livro de areia”; “livro diabólico”; “o livro infinito”; “o livro impossível”; e, por fim, “o livro era monstruoso” (BORGES, 1989, p. 68-71, tradução nossa).⁴⁶

Esse último nome indica que o livro infinito seria um “monstro” para o pensamento lógico, por isso inquieta tanto, pois escapa à nomeação, expondo certa

⁴⁶ No original: “*libro sagrado*”; “*el Libro dos Libros*”; “*El libro de arena*”; “*libro diabólico*”; “*el libro infinito*”; “*el libro imposible*”; e, por fim, “*el libro era monstruoso*”.

limitação da linguagem e do pensamento metafísico. Ora, a “verdade” da tradição filosófica amparada pela metafísica, nos diz Nietzsche (2001), não é a coisa-em-si portadora de uma essência original, mas um edifício criado pelo intelecto humano que é herdado e se torna estável na medida em que a filosofia e a ciência produzem mais conceitos. De modo que a pretensão de se buscar a “verdade em si”, real e universal, seria no fundo uma “procura [d]a metamorfose do mundo no homem” (NIETZSCHE, 2001, p. 15).

Assim, aqueles nomes parecem não obter êxito conforme o narrador acredita se tratar de “um objeto de pesadela, uma coisa obscena que corrompeu infamemente a realidade” (BORGES, 1989, p. 71, tradução nossa).⁴⁷ Nem mesmo a matemática pôde ajudar o narrador-protagonista em sua tarefa de encontrar sentido e ordem na confusão inquietante daquele “livro” que, afinal, parecia mesmo que era infinito: “Notei que as pequenas ilustrações estavam separadas por duas mil páginas. Anotei-as numa agenda telefônica, que rapidamente preenchi. Nunca se repetiram” (BORGES, 1989, p. 70, tradução nossa).⁴⁸

Em outro conto (*La Biblioteca de Babel*), Jorge Luis Borges se utiliza da matemática e da geometria para criar o argumento de uma biblioteca infinita:

O universo (que outros chamam a Biblioteca) é composto por um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no meio, encerrados por grades muito baixas. De qualquer hexágono pode-se ver os andares inferiores e superiores: interminavelmente (BORGES, 1974, p. 465, tradução nossa).⁴⁹

Nessa última narrativa e em *El libro de arena* fica claro que os livros guardam uma potência ilimitada já que podem produzir inúmeras combinações de letras, palavras e frases: repetição ilimitada.

Abertura: o espaço infinito na linguagem

Aquela potência dos livros está relacionada a um “parentesco” que, segundo Michel Foucault (2009), existiria na palavra. Esse parentesco se dá entre a morte, a

⁴⁷ No original: “un objeto de pesadilla, una cosa obscena que infamaba y corrompía la realidad”.

⁴⁸ No original: “Comprobé que las pequeñas ilustraciones distaban dos mil páginas una de otra. Las fui anotando en una libreta alfabética, que no tardé en llenar. Nunca se repitieron”.

⁴⁹ No original: “El universo (que otros llaman la Biblioteca) se compone de un número indefinido, y tal vez infinito, de galerías hexagonales, con vastos pozos de ventilación en el medio, cercados por barandas bajísimas. Desde cualquier hexágono, se ven los pisos inferiores y superiores: interminablemente”.

continuidade ilimitada e a representação da linguagem para ela mesma, criando uma configuração de jogo de espelhos:

O infortúnio inumerável, dom ruidoso dos deuses, marca o ponto onde começa a linguagem: mas o limite da morte abre diante da linguagem, ou melhor, nela, um espaço infinito; diante da iminência da morte, ela prossegue em uma pressa extrema, mas também recomeça, narra para si mesma, descobre o relato do relato e essa articulação que poderia não terminar nunca. A linguagem, sobre a linha da morte, se reflete: ela encontra nela um espelho; e para deter essa morte que vai detê-la não há senão um poder: o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites (FOUCAULT, 2009, p. 48).

Assim, prossegue Foucault, nossa linguagem alfabética abre ao falante o espaço da autorrepresentação, onde a escrita vai significar não a coisa, mas a palavra; diferente de linguagens ideogramáticas onde é a coisa que é significada. Portanto,

[...] a obra de linguagem [alfabética] não faria outra coisa além de avançar mais profundamente na impalpável densidade do espelho, suscitar o duplo deste duplo que é já a escrita, descobrir assim um infinito possível e impossível, perseguir incessantemente a palavra, mantê-la além da morte que a condena, e liberar o jorro de um murmúrio (FOUCAULT, 2009, p. 49).

Deste modo, é aberto um espaço virtual na linguagem onde se esquivava da morte a partir de um movimento de reduplicação ininterrupta. Esse movimento, essa dobra originária provoca uma transgressão na ideia de tempo: “outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente aqui e agora” (BARTHES, 2004, p. 61).

No conto borgiano *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius* há aquele vínculo entre a continuidade ilimitada e a representação da linguagem para ela mesma:

Do fundo remoto do corredor, o espelho estava a assombrar-nos. Descobrimos (na calada da noite essa descoberta é inevitável) que há algo de monstruoso nos espelhos. Bioy Casares lembrou-se então que um dos heresiarcas de Uqbar tinha declarado que os espelhos e a cópula são abomináveis, porque multiplicam o número de homens (BORGES, 1974, p. 431, tradução nossa).⁵⁰

Ora, Uqbar seria um lugar cuja existência estaria restrita à própria linguagem: o narrador e o personagem fictício de Bioy Casares descobrem, após examinar diversos documentos históricos, atlas e relatos de viajantes, que ninguém nunca esteve em Uqbar. Tal lugar fictício era descrito sob diversos aspectos no breve espaço de uma enciclopédia, até possuía literatura própria (que sempre se referia a

⁵⁰ No original: “Desde el fondo remoto del corredor, el espejo nos acechaba. Descubrimos (en la alta noche ese descubrimiento es inevitable) que los espejos tienen algo monstruoso. Entonces Bioy Casares recordó que uno de los heresiarcas de Uqbar había declarado que los espejos y la cópula son abominables, porque multiplican el número de los hombres”.

outros dois lugares imaginários, Tlön e Mlejnás). Há aí uma reduplicação ininterrupta (o relato do relato do relato etc.) cujo resultado é a abertura de um espaço virtualmente infinito na linguagem: tal espaço seria “o grande labirinto invisível da repetição” (FOUCAULT, 2009, p. 49).

É nesse espaço virtual aberto (porém, fechado) na linguagem que Borges, este ser labiríntico, vai explorar o conceito de infinito, sinalizando o potencial desestabilizador para a própria linguagem do narrador (que representa a linguagem do Ocidente).

Considerações finais

Com Nascimento e Derrida, à guisa de considerações finais, destacamos que: “A essência da literatura é mesmo não ter essência alguma, rasurando e deslocando a pergunta metafísica ‘o que é?’, em proveito de um espaço irreduzível a qualquer ontologia” (NASCIMENTO em DERRIDA, 2014c, p. 15). Borges, com o uso do infinito em seus contos e ensaios, faz a linguagem abrigar os “interstícios de sem-razão”, aproximando a literatura (a experiência literária) dos paradoxos e aporias, tornando-a um espaço ilimitado e aberto ao infinito.

Quanto ao questionamento inicial, se a literatura poderia responder ao julgamento filosófico e explorar os limites da argumentação metafísica, podemos argumentar que ao compartilhar com o discurso filosófico de certos pressupostos metafísicos (como o princípio da não contradição) para, então, desestabilizá-los, a literatura borgiana sinaliza outras possibilidades para demonstrar que o universo não é tão estável quanto nossa linguagem dá a entender.

Assim, este artigo teve como eixo de debate o uso narrativo que Jorge Luis Borges faz do infinito e, também, a sua ideia de “interstícios de sem-razão”. A partir dos aportes e dos deslocamentos teóricos, foi argumentado que há no conto *El libro de arena* uma problematização da relação entre a linguagem e o pensamento lógico-racional, que coloca em cena o paradoxal, o inominável, o vir-a-ser e o contraditório. Tais elementos também permitem ao contista fazer a linguagem se autorrepresentar em seu próprio espaço (metalinguagem), consolidando um movimento de reduplicação ininterrupto, uma continuidade ilimitada que é como diz Blanchot, um “labirinto de luz” (BLANCHOT, 2005, p. 138).

Portanto, dentro desse caminho desviado, aberto ao infinito que é o jogo de espelhos da linguagem, é cabível a experiência de uma leitura não tética da tese, do conceito filosófico: é o que Borges parece encenar em seu breve, porém aberto virtualmente ao infinito, conto *El libro de arena*.

Referências

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução por Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.
- BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In: BARTHES, R. **O rumor da língua**. Tradução por Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.
- BARRENECHEA, Ana María. “El infinito en la obra de Jorge Luis Borges”. **Nueva Revista de Filología Hispánica**. Ano 10, Nº 1, 1956, p. 13-35. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40296970>>. Acesso em: 03 de Fev. 2022.
- BLANCHOT, Maurice. “O infinito literário: o Aleph”. In: BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Tradução por Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 136-140.
- BORGES, Jorge Luis. “Avatares de la tortuga”. In: BORGES, J. L. **Obras Completas 1923-1972**. Buenos Aires: Emecé, 1974, p. 254-258.
- _____. “Tlön, Orbis Tertius, Uqbar”. In: BORGES, J. L. **Obras Completas 1923-1972**. Buenos Aires: Emecé, 1974, p. 431-443.
- _____. “La Biblioteca de Babel”. In: BORGES, J. L. **Obras Completas 1923-1972**. Buenos Aires: Emecé, 1974, p. 465-471.
- _____. “El libro de arena”. In: BORGES, J. L. **Obras Completas 1975-1985**. Buenos Aires: Emecé, 1989, p. 68-71.
- BRAGAGNOLO, Felipe. “Atitude natural e atitude fenomenológica: a relação existente entre as diferentes atitudes a partir do ato intuitivo”. **Intuitio**. Vol. 7, Nº. 2, 2014, p. 73-88. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/17312>>. Acesso em: 30 de Jan. 2022.
- DE SOUZA, José Cavalcante. “Do mito à filosofia” In: DE SOUZA, J. **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 12-30. (Coleção Os pensadores).
- DELEUZE, Gilles. “Primeira série de paradoxos: Do puro devir”. In: DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Tradução por Luiz Carlos Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p. 1-5.

DERRIDA, Jacques. “Força e significação”. In: DERRIDA, J. **Escritura e Diferença**. Tradução por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva et al. São Paulo: Perspectiva, 2014a, p. 1-42.

_____. “Edmond Jabès e a questão do livro”. Tradução por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva et al. In: DERRIDA, J. **Escritura e Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014b, p. 91-110.

_____. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Tradução por Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014c.

FOUCAULT, Michel. “A linguagem ao infinito”. In: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**. Tradução por Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.47-59.

NASCIMENTO, Evando. “Literatura e Pensamento”. In: NASCIMENTO, E. **Derrida e a literatura: “notas” de literatura e filosofia nos textos da desconstrução**. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 297-392.

_____. “Introdução”. In: DERRIDA, J. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Tradução por Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014c, p. 7-42.

NIETZSCHE, Friedrich. “Verdade e mentira no sentido extramoral”. **Comum**. Vol. 6, Nº 17, 2001. Disponível em: <http://imediata.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf>. Acesso em: 30 de Jun. 2020.

_____. In: DE SOUZA, J. **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996, p. 130-150.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PARMÊNIDES. “Parmênides de Eléia”. In: **Os filósofos pré-socráticos**. Org.: Gerd A. Bornheim. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 53-59.

ROAS, David. **Tras los límites de lo real**. Madrid: Páginas de Espuma, 2011.

THE NARRATIVE USE OF THE “INFINITY” IN JORGE LUIS BORGES’S EL LIBRO DE ARENA

Abstract

This work deals with the relations between language and thought from some writings of Jorge Luis Borges, mainly the short story *El Libro de Arena*. The debate will be driven from the philosophical problematic of the concept of “infinity” as Borges formulates it in the *Avatares de la Tortuga* essay, as well as the figurations of “infinity” in the fictional space of some of his short stories. In these terms, we can ask: how would this relationship between the literary and the philosophical discourse in Borges work? Can literature respond to philosophical judgment and explore the limits of metaphysical argumentation? Starting from the idea of the literary act as a “non-thetical experience of the thesis”, from the metaphor of the game of mirrors in language (and the “virtual space” that it inaugurates) and from the logical-conceptual problematic of the principle of identity and non-contradiction, I develop a reading of the infinite in the short story *El Libro de Arena*, by Jorge Luis Borges. The hypothesis of this reading is that through the fictional use of infinity, the storyteller makes language bend over itself, creating an open and unlimited space. Finally, this paper tries to reflect on the potentiality of the literary act as a discourse that can respond, albeit obliquely, to the logical-grammaticals dictates of metaphysical thought.

Keywords

Language and Thought. Infinity. Jorge Luis Borges.

Recebido em: 19/03/2021

Aprovado em: 15/02/2022